



UNIRIO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO

LEITURA

“UMA QUESTÃO SOCIAL”

RIO DE JANEIRO
2006

RENATA REIS PEREIRA

LEITURA: UMA QUESTÃO SOCIAL

Monografia apresentada à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para a obtenção da Graduação em Licenciatura Plena no curso de Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Antônia Píncano

RIO DE JANEIRO
2006

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me dado determinação e me ajudado a trilhar um longo caminho, cheio de obstáculos, rumo à minha formação profissional. Agradeço também à minha querida mãe que sempre se preocupou com a qualidade da minha educação, e ao meu marido que sempre está ao meu lado me dando apoio para que eu consiga realizar todos os meus objetivos de vida.

Não poderia também deixar de agradecer à minha orientadora, professora Tunica, por toda atenção e apoio que dedicou à minha pesquisa.

"A leitura como atividade de linguagem é uma prática social de alcance político. Ao promover a interação entre indivíduos, a leitura compreendida não só como leitura da palavra, mas também como leitura do mundo, atividade constitutiva de sujeitos capazes de entender o mundo e nele atuar como cidadãos" (Freire, 1999, P.105).

RESUMO

Esta pesquisa pretende contribuir para o debate em torno do ato de ler, visto que este não consiste apenas em passar os olhos por algo escrito, nem fazer a versão oral dos descritos, mais sim garantir ao indivíduo um espaço na sociedade para a interação sistemática com a informação veiculada cotidianamente, contribuindo para a formação de cidadãos críticos na construção e reconstrução de novos conhecimentos, fazendo com que o indivíduo perceba-se como ser histórico social.

Destaca-se alguns aspectos históricos que posicionam o progresso e o avanço da leitura, discute-se a importância da família e da escola neste processo. Enfatizam-se os caminhos e reflexões sobre o despertar do gosto pela leitura. Proporcionam-se gestões de caminhos percorridos pela comunidade escolar para que possa provocar no sujeito reflexões, transformações, interpretações, fazendo da leitura um ato de construção de conhecimento, um processo de descobrimento, criação e recriação de novos conhecimentos, oportunizando que este ocorra através da interação com meio. É preciso oportunizar a mediação para que ocorra uma política de letramento que corresponda às necessidades individuais e sociais do nosso tempo.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 7 |
| CAPÍTULO 1 | |
| 1 - CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS | 12 |
| CAPÍTULO 2 | |
| 2 - O ATO DE LER | 15 |
| 2.1- Breves fragmentos da leitura através dos tempos..... | 15 |
| 2.2 - Reflexões sobre a leitura..... | 18 |
| 2.3 - Conceituando Leitura..... | 21 |
| 2.4 - A importância da leitura para a compreensão da realidade..... | 23 |
| CAPÍTULO 3 | |
| 3 - O PROCESSO DA LEITURA | 25 |
| CAPÍTULO 4 | |
| 4 - A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO ATO DE LER | 29 |
| CAPÍTULO 5 | |
| 5 - LEITURA E ESCOLARIZAÇÃO | 34 |
| CONCLUSÃO | 39 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 42 |

INTRODUÇÃO

O estudo deste tema nasceu do interesse de contribuir com as pesquisas sobre as relações entre letramento, escolarização e sociedade que ainda não respondem as múltiplas implicações do processo de ler e escrever como produção de significados. O tema é desafiador e, embora possamos observar vagarosos progressos na área, sabemos que pesquisas precisam ser desenvolvidas e aprofundadas para melhor caracterizar e confrontar letramento, alfabetização e práticas pedagógicas, assim como precisamos compreender cada vez mais as conseqüências da escolarização da leitura e da escrita e seu envolvimento com as práticas e usos sociais como condição encorajadora do exercício da cidadania.

Tradicional e consensualmente, considera-se que o acesso ao mundo da escrita é incumbência e responsabilidade da escola e do processo que nela e por ela se dá – a escolarização. Em outras palavras, considera-se que é à escola e à escolarização que cabem tanto a aprendizagem das habilidades básicas de leitura e escrita, ou seja, a alfabetização, quanto o desenvolvimento das habilidades, conhecimentos e atitudes necessárias ao uso efetivo e competente da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, ou seja, o letramento.

Pode-se afirmar que estão já relativamente bem caracterizadas, em pesquisas e farta literatura, as relações entre alfabetização e escolarização, porém, o mesmo não acontece com as relações entre letramento e escolarização, ainda pouco estudadas. Tal discussão pouco avançou na análise do papel da escola no pleno desenvolvimento de habilidades do uso social da leitura e da escrita, demonstradas por crianças, jovens e adultos em situações de participação em práticas sociais que envolvem a língua escrita.

Acredito que esse estudo é muito importante, visto que não é novidade que o Brasil enfrenta insistentemente o problema do alfabetismo

funcional¹. É fato que o nosso país possui um número significativo de indivíduos que não adquiriram a escolarização necessária para atender às exigências de uma sociedade grafocêntrica. Nesta direção, em junho de 2004, assistimos à uma reportagem por meio da Rede Globo, através da pesquisa "Nota Zero" realizada no programa semanal Fantástico, que divulgou o resultado de um teste feito pelo Ministério da Educação – o Saeb² – onde avaliou que mais da metade dos alunos da quarta série do ensino fundamental apresentam grandes dificuldades para ler e só conseguem entender frases simples e curtas. Esses seriam apenas mais alguns dados demonstrados, mas é algo extremamente alarmante para os educadores e, obviamente, para o sistema educacional brasileiro.

Se por um lado esta pesquisa nos envolve em profunda inquietação, por outro a história da humanidade nos indica que nossa forma de existência é permanentemente re-criada. Os homens, através do trabalho que realizam no interior das relações, produzem e acumulam conhecimento sobre o real. Tais conhecimentos abrem caminhos para a descoberta de novas realidades e, ao mesmo tempo, oferecem diferentes perspectivas para equacionarmos os problemas e fomentarmos as transformações.

Procurou-se conduzir esse trabalho sob uma linguagem cronológica histórica pretendendo contextualizar nosso objetivo de estudo — a leitura como uma questão social — refletindo e analisando a importância da mesma para a compreensão e transformação da realidade.

Só o indivíduo capaz de fazer uma leitura permanente do mundo, sente-se motivado para a leitura da palavra, pois se sabe que a leitura faz parte do cotidiano, mas aprender a ler é uma tarefa complexa para todas as crianças. As rápidas transformações impostas pelo mundo têm exigido

¹ Alfabetismo funcional é a capacidade de se utilizar a leitura e a escrita para fazer frente às demandas do contexto social e utilizá-las para continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida. (http://www.ipm.org.br/an_ind.php#d acesso em 25 de maio de 2006)

² Sistema Nacional de Avaliação Básica: é uma avaliação de coleta de dados sobre alunos, professores e diretores de escolas públicas e privadas em todo o Brasil. É aplicado a cada dois anos, desde 1990, e avalia o desempenho dos alunos brasileiros da 4ª a 8ª série do ensino fundamental e da 3ª série do ensino médio, nas disciplinas de Língua Portuguesa, cujo foco é a leitura e, Matemática, cujo foco é a resolução de problemas, raciocínio lógico. (<http://www.mec.gov.br/acs/duvidas/saeb.shtm#1> acesso em 28 de maio de 2006)

novas formas de leitura e essas experiências começam no lar e continuam na escola.

Embora se faça leitura para aplicar o próprio conhecimento, é fundamental buscar prazer no ato de ler. Encontram-se ainda vários fatores que influenciam na aquisição deste prazer pela leitura, que são, muitas vezes, negligenciados, tendo como consequência somente a decodificação de símbolos. Acredita-se que ler não corresponde à simples aquisição de um novo código, e sim fazer fonte de conhecimentos para a compreensão e transformação da realidade.

A leitura configura-se como uma atividade discursiva que "incide sobre o que se tem a dizer" porque lendo a palavra do outro, posso descobrir nela outras formas de pensar que, contrapostas às minhas, poderão me levar à construção de novas formas, e assim sucessivamente. (GERALDI, 1991:171).

Partindo desse conceito de leitura, o ser humano é um leitor em potencial. O desenvolvimento dessa potencialidade estará relacionado às descobertas e experiências vividas ao longo da vida, especialmente na infância. Assim, o despertar do interesse pela leitura passa obrigatoriamente pelos primeiros anos e pela escolarização.

Com o objetivo de investigar, explicar e apontar a importância da contribuição de pais e professores no desenvolvimento do prazer pelo ato de ler nas crianças nas séries iniciais, bem como a compreensão da realidade, é que esse trabalho vem nos servir de suporte, na tentativa de analisar os fatores que interferem no reconhecimento da leitura como instrumento básico para a superação das dificuldades e na compreensão das estratégias que se caracterizam como fonte de prazer.

Portanto, este trabalho baseia-se na concepção histórico-cultural que em sua origem, tem como preocupação a compreensão de como as interações sociais agem na formação do sujeito. Ainda, dada a natureza social e simbólica da atividade humana, os processos de funcionamento mental, são mediados por signos que só podem emergir num terreno interindividual.

A origem da palavra "letramento" relaciona-se com uma outra maneira de compreendermos a presença da leitura e da escrita no mundo social, ou seja, os novos fatos sociais, culturais, políticos, como explicita Kleiman:

Letramento...um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos. (KLEIMAN, 1995: 19).

Convivemos com o fato de existirem pessoas analfabetas, ou seja, pessoas que não sabem ler e escrever em sua língua, desde o Brasil Colônia, e ao longo dos séculos, temos enfrentado o problema de alfabetizar, de ensinar as pessoas a ler e a escrever, decifrando os códigos da leitura e escrita. Portanto, o fenômeno do estado ou condição de analfabeto nós o tínhamos (e ainda temos...), e por isso sempre tivemos um nome para ele: *analfabetismo*.

Porém, à medida que o analfabetismo vai sendo superado e a sociedade vai se tornando cada vez mais grafocêntrica, um novo fenômeno surge e se evidencia: não basta mais aprender a ler e escrever através da decifração de códigos, se faz necessário também incorporar as práticas da leitura e da escrita, ou seja, adquirir competência e habilidade para usar a leitura e a escrita de forma crítica e reflexiva em práticas sociais, tais como: ler livros, jornais, revistas, redigir um ofício, uma declaração, um requerimento, preencher um formulário, escrever um telegrama, uma carta, encontrar informações em um catálogo telefônico, em um contrato de trabalho, conta de luz, bula de remédio, etc.

Tendo em vista toda essa problemática, qual a consequência dessas novas exigências sociais para a escola, para o ensino-aprendizagem da leitura e escrita? O que significa e como alfabetizar letrando? Quais as condições para que o aprender a ler e a escrever seja algo que realmente tenha sentido, uso e função para as pessoas?

Os capítulos a seguir mostram tateios na busca de soluções metodológicas compatíveis à orientação teórica dos estudos:

O capítulo 1 trata de aspectos metodológicos na tentativa de resolver situações problemáticas.

No capítulo 2, inicialmente trata-se de aspectos históricos do processo de leitura, onde se pode constatar que o ato de ler vem de tempos remotos, quando a leitura era decifrada por caracteres feitos nas paredes, possibilitando uma comunicação. Ainda nesse capítulo faz-se reflexões sobre a leitura em posse de conceito dados por autores renomados, onde estes apontam fatores variados que contribuem para que a leitura ainda seja encarada como simples decodificação de símbolos.

No capítulo 3, enfoca-se primeiramente o processo da leitura, a construção desse processo, atividades envolvidas, a importância do livro no meio social.

No capítulo 4, a importância da família no processo de leitura será analisada, já que se sabe que a leitura precede a escrita e que bem antes da inclusão na escola a criança entra em contato com o mundo da leitura ouvindo histórias, vendo uma ilustração, permitindo a compreensão da realidade, ou seja, interagindo com o mundo!

E por último, no capítulo 5, faz-se uma reflexão sobre o despertar do prazer pela leitura, onde o educador precisa ser um novo agente consultor, pois é ele quem faz o elo fundamental na cadeia da humanidade. Comenta-se ser necessário mudanças de conceitos de leitura, que deixe de ser a leitura uma simples decodificação de símbolos e possa provocar no sujeito reflexão, transformação, interpretação e conciliação entre ela e o prazer.

CAPÍTULO 1

1) CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Esse trabalho é uma proposta de intervenção que ocorre na atividade de aprender um símbolo novo, onde as necessidades de aprendizagem afloram em meio às tentativas de se resolver situações problemáticas. Ele gera situações de aprendizagens reais e diversificadas, possibilitando aos educandos decidirem, opinarem, debaterem e construir sua autonomia e seu compromisso com o social, formando-se como sujeitos culturais. Diante desse contexto é que essa proposta de trabalho foi baseada na concepção histórico-cultural, que teve como preocupação a compreensão de como as interações sociais agem na formação do sujeito. São essas interações mediadas pelo professor que constituem o processo de conhecer a realidade, procurando compreendê-la de forma global, interdisciplinar, pois a mesma implica em trabalhar com categorias da totalidade.

Este trabalho determina a inserção crítica da criança em sua própria realidade e pressupõe um engajamento político educacional que, transforma o sujeito que nela atua criando condições objetivas para realização de uma nova sociedade.

A educação constitui-se em um espaço de construção e reconstrução do conhecimento social produzido e historicamente acumulado. Enquanto prática social, a educação vai se constituir em um instrumento de compreensão da realidade como um todo. Sabe-se que as crianças já trazem conceitos elaborados a partir das relações que estabelecem em seu meio.

Foi diante dessa premissa, onde o conhecimento e a formação do ser humano se deu através das relações estabelecidas com o mundo, que se reconheceu como mais apropriado e coerente utilizar como referencial teórico a metodologia elaborada por Paulo Freire que objetiva explicitar o

pensamento do ser humano sobre a realidade e a sua ação sobre ela, o que constitui a sua práxis.

Estes temas se chamam geradores porque, qualquer que seja a natureza da sua compreensão como da ação por eles provocada contém em si a possibilidade de desdobrar-se em tantos temas que, por sua vez, provoca novas tarefas que devem ser cumpridas. (FREIRE, 1974:1).

Essa metodologia implica no levantamento do universo dos educandos, na escolha dos temas geradores de debates culturais; criações de situações essenciais típicas do grupo; passando-se a perceber que conteúdos trabalhados em classe estão diretamente ligados ao cotidiano do educando e que estão interligados por fatores históricos, sociais, políticos, culturais, econômicos e ideológicos.

Essa abordagem considera a educação como um processo contínuo de tomada de conhecimento e de modificação de si próprio e do mundo.

Dessa forma, a busca da temática implica na busca do pensamento dos homens, pensamento este que se encontra somente no meio deles, aos quais reunidos indicam a realidade.

Discutir a leitura como questão social implica em ler a vida através do livro da natureza. É sabido que o ato de ler ativa uma série de ações no leitor pelas quais ele extrai informações, essas ações ocorrem simultaneamente, podendo ser mantidas, modificadas ou desenvolvidas durante a apropriação do conteúdo.

Essa aprendizagem natural da leitura deve ser considerada pelo educador e incorporado às suas estratégias de ensino, com o objetivo de melhorar a qualidade desse processo iniciado quando a criança é capaz de captar e atribuir significado as coisas do mundo. Neste sentido, Vygotsky (1989) nos ajuda a entender que, quando as crianças interagem com os seus mundos podem fazer mais do que parecem ser capazes e extraem muito mais de uma atividade se houver mediação de um adulto ou de um participante com mais experiência.

Mesmo os pensadores mais profundos nunca questionaram aquilo que as crianças podem fazer com o acompanhamento dos outros, e que isto pode ser em certo sentido, até mesmo mais indicativo de seu desenvolvimento mental do que aquilo que podem fazer sozinhos. (VIGOTSKY, 1978:85).

A leitura é um processo contínuo, que envolve e exige o engajamento de todas as partes envolvidas, a escola, a família, o próprio sujeito a ser trabalhado e sua realidade. Pois se sabe que a leitura não é uma ação de resultados imediatos, mas de esforços contínuos e solidários.

O homem, um ser que se faz sujeito, é como um livro que está sendo escrito. É uma porção de chances, é a abertura, donde é perigoso rotulá-lo. A pedagogia na família, na escola e em toda a sociedade, não pode esquecer esse elemento fundamental. Afinal, "*a educação se baseia no homem como ser que pode ser, desenvolvendo suas potencialidades, suas inteligências, sua sensibilidade e outras qualidades latentes*". (Colombo, 1992:11).

CAPÍTULO 2

2) O ATO DE LER

2.1) BREVES FRAGMENTOS DA LEITURA ATRAVÉS DOS TEMPOS

O ato de ler vem de tempos remotos, quando os homens pré-históricos decifravam caracteres feitos nas paredes das cavernas, possibilitando-lhes a comunicação.

Pode-se dizer que a evolução da leitura deu-se juntamente com a evolução da comunicação, como se tratasse de um organismo vivo. O fato é que as leituras são passíveis de profundas alterações através dos tempos e do espaço.

Com o passar dos séculos, a forma escrita foi incorporada definitivamente ao seio da sociedade, passando por várias etapas de evolução. Desde a pictográfica, feita através de desenhos ou pictogramas associados à uma imagem do que se queria representar, a ideográfica caracterizada por desenhos especiais chamados de ideogramas, tornando-se uma convenção de escrita, até a alfabética, caracterizada pelo uso de letras ou alfabetos que deveram sua origem nos ideogramas e evoluíram até chegar a representação fonográfica, isto é, do som das palavras permanecendo até nossos dias.

A escrita não foi temer dos mecanismos de detecção da ação cultural utilizado pela humanidade, embora se possa afirmar que é dos mais antigos. A transmissão oral da tradição ou uso de rituais e da dança e o apelo às artes visuais precederam em muito o aparecimento daquela, mesmo a mais pictórica ou ideogramática, e até hoje vários povos podem prescindir de tê-la emprego. (SILVA, 1981:41).

Enquanto prática, a leitura associa-se, desde seu aparecimento, à difusão da escrita que provoca no século IV a.C. Os helenos, povos da Grécia Antiga, em propriedade dos silabários transformaram-no em alfabeto, adaptado às suas necessidades de comunicação verbal.

Colocada na base da educação, a leitura pôde assumir de imediato um caráter democratizante e possibilidades de ascensão. Ao mesmo tempo, denominou-se alfabetização, pois ler veio a significar a introdução ao universo de sinais conhecidos como alfabeto e a constatação do domínio exercido sobre ele.

O leitor passou então a dispor de uma habilidade desligada de seu dia-a-dia, razão pela qual sua destinação não era esclarecida durante a aprendizagem. Desvinculado de seu objetivo, o ato da leitura tornou-se intransitivo e inexplicável, a não ser que se apelasse para categorias tomadas de empréstimo de outros setores da vida social.

Em áreas cuja cultura tem memória preponderante oral e não há nenhum projeto de transformação e infra-estrutura em andamento, o problema que se coloca não é o da leitura da palavra, mas o de uma leitura mais rigorosa do mundo, que sempre precede a leitura da palavra. (FREIRE, 1999: 31).

Na época medieval, ler era um privilégio de poucos, e a cultura era construída e transmitida na "sombra" dos mosteiros. Os livros eram raros e pouco notados e a sua confecção levava meses e implicava um trabalho de especialistas, conhecedores de pergaminhos, tintas, caligrafia e desenho.

A invenção da imprensa (1398 – 1468) fez chegar a um público mais amplo, a cultura e a leitura através do livro, dos registros escritos. A imprensa de Gutemberg oportunizou a repercussão da mensagem escrita e sua importância para os leitores. Desse modo o leitor passa a ter acesso aos textos e entrar em comunicação direta com o autor. Portanto, cada leitor pode apreender todas as idéias e recriar outras ainda não existentes. Acabou-se o tempo em que os cidadãos eram dependentes de quem lia para a coletividade, porque agora, pode-se aceder ao texto escrito.

Nos últimos dois séculos, a leitura passou a estar

indissociavelmente ligada à escrita. E a história de vida do ser humano na era moderna e contemporânea, é toda ela pontuada por documentos escritos, a sociedade tornou-se então, grafocêntrica.

Hoje, o ato de ler não se realiza tão somente em nível não icônico (decifração de letra), mas também em nível icônico (decifração da imagem), pois o advento da tecnologia traz cada vez mais essa exigência para o mundo pós-moderno. Daí a necessidade de uma maior compreensão a respeito do processo de leitura.

Nesse sentido, um elemento importante para o nosso estudo refere-se ao termo letramento³. Este vem da tradução da palavra *literacy*, que significa: estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Assim, podemos notar claramente que esta definição implica questões sociais, políticas e culturais ainda mais se compararmos com a definição de *alfabetizado* que é apenas aquele que aprendeu a ler e escrever, e não aquele que adquiriu o estado ou a condição de quem se apropriou da leitura e da escrita.

Para o senso comum, há sentido atribuído aos conceitos de analfabeto, analfabetismo, alfabetização, como a seguir: analfabeto - o que não sabe ler e escrever; analfabetismo - o estado ou condição de quem não sabe ler e escrever; alfabetização - o processo de ensinar a ler e a escrever. Progressivamente - e particularmente ao longo da última década - vem-se revelando uma tendência a qualificar e precisar esses conceitos, ampliando seu significado. Assim, tanto na mídia quanto na literatura educacional, intensificam-se as discussões sobre o analfabetismo funcional, sobre o analfabeto funcional e multiplicam-se as críticas a uma alfabetização que, embora ensine a ler e a escrever, não habilita os indivíduos a fazer uso da leitura e da escrita nem lhes facilita o acesso ao material escrito.

Esse fenômeno, segundo Magda Soares (1998), levou ao surgimento da necessidade do conceito de "letramento", que surgiu recentemente como uma resposta às intensas demandas sociais pelo uso amplo e diferenciado da leitura e escrita em nosso contexto social. Isso

³ Entende-se também por *Alfabetismo Funcional*, conceito desenvolvido pela UNESCO a partir de 1978. Ver conceito explicitado pág.8.

representa uma mudança histórica das práticas sociais, pois não basta mais apenas saber decifrar os códigos da leitura e da escrita, é preciso principalmente, fazer uso social desta tecnologia para que se possa responder às exigências de uma sociedade grafocêntrica.

Saber ler e escrever não oportuniza ao indivíduo a possibilidade de luta, enquanto tornar-se leitor é conquistar um poderoso instrumento de conscientização e de formação para a verdadeira cidadania. Enfatizando uma alfabetização entendida como mera aquisição da técnica do ler e do escrever mantém-se a desigualdade, ou melhor, criam-se novas formas de desigualdade: esta já não ocorre entre analfabetos e alfabetizados, como tradicionalmente, mas passa a ser entre letrados e iletrados, entre os que têm condições de acesso à leitura plena, os que se formam leitores, e os que aprendem a ler, mas a quem se nega a oportunidade e o direito às práticas sociais de leitura.

Até mesmo nos critérios avaliativos do INAF⁴ (Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional), podemos notar tais mudanças, visto que verifica-se a capacidade de utilizar a leitura e a escrita para exercer uma prática social. Esta medida evidencia a avaliação do nível de letramento, ou seja, do alfabetismo funcional, que é o que realmente interessa e o que é avaliado nos países desenvolvidos, onde a escolaridade básica é de fato obrigatória e universal, portanto, o percentual de analfabetismo é residual.

Enfim, esse novo fenômeno só ganha visibilidade depois que foi minimamente resolvido o problema do “analfabetismo” e que o desenvolvimento do país, traz novas necessidades de leitura e de escrita além de novas alternativas de lazer.

2.2) REFLEXÕES SOBRE A LEITURA

A leitura assume, no âmbito da comunicação social, uma dimensão bem mais ampla que a decifração da escrita. Toda ação educativa deve ser percebida, tanto através de uma reflexão sobre o ser humano como

⁴ Ver http://www.ipm.org.br/an_ind.php#d

de uma análise do meio de vida desse cidadão concreto, a quem se quer educar e para quê.

O estudo e o ensino da leitura não podem deixar de considerar as diferentes distâncias sociais, pois os processos interlocutivos se dão no interior das múltiplas e complexas instituições de uma dada formação social.

Compreender a realidade exige uma abordagem interdisciplinar, pois ela se forma a partir da articulação dialética dos diferentes conhecimentos produzidos. Esse trabalho determina a inserção crítica da criança em sua própria realidade. Isto se dá porque o próprio aluno consegue estabelecer relação entre a série de informações recebidas e o meio onde vive.

Consensualmente, cabe a escola e, mais especificamente aos professores, a tarefa de ensinar a ler, entretanto, nenhuma das partes parece estar comprometida com os reais objetivos da leitura. Esta é confundida com a decodificação da palavra e supõe-se leitor, como sujeito "alfabetizado", na primeira série do 1º grau; contudo a aquisição do prazer pela leitura e seu uso social, não se resume nisso, já que o letramento é tido como um processo contínuo, ou seja, um processo que ocorre durante toda a vida.

Vários são os fatores que contribuem para que ainda se tenha esse tipo de concepção a respeito da leitura. Não se sabe, porém, qual o mais grave determinante para essa dificuldade.

Os responsáveis pelo sistema educacional reconhecem a importância de se desenvolver o prazer pela leitura. Sente-se, todavia, que as oposições são irrealistas, sem maiores significados para muitos professores, que continuam sem saber como tornar possível esta tarefa.

A escola necessita compreender que nós, seres humanos, precisamos ter acesso a um conhecimento que possibilite reconhecer nossa identidade, o nosso lugar social, as tensões que animam o contexto em que vivemos ou sobrevivemos. (OSAKABE, 1995: 11).

Somente um comprometimento político poderia inspirar e alicerçar um trabalho escolar competente, transformando a prática social da leitura e

de construção de novas compreensões do mundo vivido pelos professores e alunos, pois não é possível comprometer-se com uma política de leitura sem comprometer-se com a história de vida dos sujeitos leitores.

Para Paulo Freire, é a partir da consciência que se tem da realidade que se irá buscar conteúdo programático da educação. O diálogo da educação como prática da liberdade é inaugurada no momento em que se é realizado o que se denomina de universo temático ou o conjunto de temas geradores. A investigação implica uma metodologia que não pode contradizer a dialogicidade da educação libertadora, proporcionando também, a conscientização buscando investigar a palavra geradora⁵.

A leitura, como já foi dito, é uma atividade complexa. O indivíduo deverá não somente decifrar e decodificar a escrita, mas também realizar uma interpretação de "leitura de mundo".

Deve-se pensar na leitura como importante meio de dirigir às potencialidades da criança desenvolvendo-lhe as habilidades essenciais a sua integração consciente na sociedade que faz parte.

Esse processo de interação do sujeito com o seu mundo implica em comunicação, que se dá a partir do contato consciente com a pluralidade de significados a que o sujeito se expõe. Tal exposição acontece através dos mais diversos gêneros lingüísticos e da leitura dos atos humanos. A comunicação é o próprio processo de interação, dá-se nos momentos em que o ser está aberto à sua realidade. Silva ressalta:

Existo e ganho minha individualidade à medida que desvelo e vivencio o plexo de significados, atribuindo-os ao meu mundo, pelos outros e por mim. (SILVA, 1981: 19).

Sabe-se que não se pode desprezar a linguagem verbal graficamente codificada, já que ela é o princípio e mais profundo meio de comunicar experiências, atos, pensamentos e sentimentos, e para dominá-la precisa-se exercer com cada vez mais freqüência essa leitura do mundo.

⁵ Uma palavra-texto que traga consigo todo um contexto a ser desvendado e não se encerre em si mesmo, para que através dela se possa trabalhar questões amplas, contribuindo para o desenvolvimento da percepção e criticidade do indivíduo.

(...) na prática democrática e crítica, a leitura do mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente juntas. O comando da leitura e da escrita se dá a partir de palavras e de temas significativos à experiência comum ao sujeito. (FREIRE, 1999: 29).

A leitura de textos, ressalto, não é simples decifração de códigos, mas sim instrumento para o ato de ler como exercício de compreensão de mundo e de si mesmo.

As possibilidades que a leitura traz para o indivíduo são de ordem pessoal — enriquecimento cultural, acesso ao saber acumulado, econômico-social — qualificação profissional e acessos sócio-políticos — indivíduo crítico e atuante, cidadão emancipado, um indivíduo que lê o seu mundo.

Pela significação que tem para o ser humano, pelo quanto a leitura representa possibilidades de emancipação, o domínio da capacidade de ler precisa ser efetivamente encarado como um direito do sujeito. Ao conquistar esse direito estará liberto da alienação, melhor preparado para exercer sua real cidadania.

2.3) CONCEITUANDO LEITURA

Na busca da definição do que é leitura, tem-se como referencial de análise e discussão autores renomados. Para Bamberger (1987), a capacidade é essencial à realização pessoal, e hoje em dia, é cada vez mais aceita a premissa de que o processo social e econômico de um país depende muito do acesso que o povo tem aos conhecimentos indispensáveis transmitidos pela palavra impressa.

Mediador de leituras cabe ao professor, um papel ativo nesse processo, fazendo argumentar, refletir, escutando suas leituras para reaprender o seu eterno processo de ler:

Ler é compreender uma mensagem escrita, assimilar o seu conteúdo e interpretá-los por meio da leitura, que não se limite a simples operação mecânica de ligar sons ou interpretar símbolos fonéticos. (PESTANA, 1973: 15).

Ler é atravessar o texto, interagindo com o autor, na busca e na produção de sentido; é compreender e decifrar a realidade nas entrelinhas. Na construção de sentido de um texto, são considerados não só aspectos centrados no texto, mas também nos interlocutores. Ao ler, o leitor integra seus conhecimentos prévios, os seja, conhecimentos adquiridos no decorrer de sua vida e que traz consigo, aos conhecimentos vinculados pelo texto, construindo um novo sentido ao texto, isso de fato, é interpretação!

A rememoração dos conhecimentos prévios permite que o leitor faça as inferências necessárias à compreensão do texto. A partir das informações explícitas e das inferências, o leitor tenta atribuir uma coerência global ao que lê.

Ler é promover predições, inferências, é a comunicação das várias formas do texto entre si, possibilitando ao leitor adquirir novas informações, ampliar suas capacidades de expressão, participar criticamente além de ajudar a descobrir e aperfeiçoar o mundo à sua volta.

Nem sempre os sentidos imediatos a que nos referimos (...) são únicos. Eles podem ser múltiplos e, na maioria das vezes, o são. Dependem, também, de nossa visão de mundo; dos valores e representações que temos desse mundo (...). Os sentidos imediatos dependem, ainda, do que denominamos intertextualidade⁶...
(CAPELLO; COELHO, 2003, p.36).

Entende-se por *sentidos imediatos* a que se refere à citação acima, a pura decodificação de símbolos gráficos, a compreensão das palavras e expressões, é o que existe em uma forma de leitura, digamos, reduzida. No entanto, a proposta é que se entenda a leitura de forma mais ampla, que possibilite várias interpretações e *múltiplos sentidos*.

⁶ Textos que se produzem das relações com outros textos, ou seja, todo texto tem origem em outro texto. Cada texto tem malhas, fios que se entrelaçam entre si e entre os leitores.

2.4) A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA A COMPREENSÃO DA REALIDADE

Querendo ou não, fazemos diariamente várias leituras informando-nos rotineiramente. Seja em casa, na rua, no ônibus, no trabalho ou nos mercados, a leitura e a comunicação fazem com que participemos da comunidade que está em nossa volta. Não necessariamente usando a linguagem verbal graficamente codificada. Lemos tom de voz, um gesto, uma cara, um ambiente.

Assim sendo, não é somente o reconhecimento dos vocabulários que fazem parte de todo esse processo mental, existem ainda outros fatores que interferem diretamente.

A leitura é um dos mais importantes meios de comunicação do mundo atual, é um processo que atende a diferentes propósitos, pois é ligada a todos os domínios da vida moderna. É um instrumento social de divulgação de idéias, de trabalho e de progresso. Compreendendo a leitura dessa forma, faz-se necessário identificar o que é ler.

Como já sabemos, ler não significa apenas a decodificação de símbolos, mas sim ler o mundo, a vida, a realidade, e principalmente, ler e interpretar nossa história é ter consciência dos processos que interferem na nossa existência como seres sócio-políticos:

(...) é o trabalho de pensamento que consiste em decifrar o sentido oculto no sentido aparente, em desdobrar os níveis de significação implicador na significação literal. (SILVA, 1981:70).

Em nossa época, a leitura desempenha papel de destacada importância. Por exemplo, o sujeito lê, pensa, e forma seu juízo. É um direito que lhe assiste como cidadão das democracias.

A aprendizagem da leitura é um processo de compreensão, comunicação e ação. Através dela, o sujeito continua a aprender, sendo um recurso para viver uma vida mais crítica e mais completa.

Pode-se dizer que a leitura implica a percepção das relações entre o texto e a apropriação das idéias adquiridas em um dado contexto.

juízo?

Portanto, resume-se em atitude de averiguação, avaliação, crítica, reflexão, generalização, ao uso dos conteúdos lidos. A leitura é um processo dinâmico, é integração, é um dos agentes responsáveis pela modificação do comportamento humano.

Analisando o contexto atual, não se pode conceber que seja possível popularizar a leitura sem pensar na democratização política e cultural e conseqüentemente na transformação das estruturas sociais e econômicas. É utópico considerar que existem soluções fora deste prisma, pois, nenhuma mudança ocorre efetivamente de cima para baixo.

É na formação e na construção de uma sociedade democrática que, nós educadores, enquanto agentes desse processo, lutando com nossos alunos na caminhada de constituição de autores e leitores, constituímos-nos em autores de nossa história presente.

Quando lemos, estamos nos posicionando diante do mundo, mas, ao mesmo tempo, essa nossa posição depende do que construímos sobre esse mundo. Em outras palavras, lemos de acordo com concepções que construímos a partir de nossas condições objetivas de vida e a partir delas fazemos as co-construções para, enfim, tomarmos uma posição que levará a uma ação diante dos fatos evidenciados, para uma possível transformação.

CAPÍTULO 3

3) O PROCESSO DA LEITURA

Habitualmente se usa o termo "leitura" com relação à criança pequena, que começa a decifrar seu primeiro "livro de leitura" e aprende a reconhecer os primeiros símbolos, apesar de que na maioria das experiências que realizam com livros, infelizmente não recebem encorajamentos para inventar histórias e/ou reconta-las. São muitos os estudos em que podemos constatar que, ao "fazer-de-conta" que lê ou que escreve, a criança descobre ou faz/refaz o sentido social da leitura. Com tais práticas, com este brincar de ler e de escrever, as crianças quando entram para a escola demonstram saber muito mais do que supomos. A atividade da leitura não é apenas decodificação nem apreensão de um único sentido pré-estabelecido, ela envolve também operações que estão dinamicamente relacionadas com os textos que já existem no leitor, e assim, atribui sentidos ao texto a partir das relações que estabelece, segundo suas experiências – a intertextualidade.

Considera-se que a leitura é produzida e se procura determinar o processo e as condições de sua produção. (ORLANDI, 1988: 37).

O desenvolvimento da leitura nas crianças ocorre na medida em que se aumenta a relação entre a língua oral e a língua escrita.

Entretanto, o reconhecimento das formas gráficas das palavras não é suficiente para o ato da leitura. Este precisa ser completado pela compreensão do sentido do texto ou, pelo menos, da significação das palavras.

Ler é uma atividade de linguagem e desde que a criança vem ao mundo, ela está cercada de linguagem falada e escrita, seja em cartazes, muros, placas, brinquedos, televisão, livros e outros. É assim que as

crianças começam a conhecê-las, pois a prática social da leitura se constitui com variadas vozes, com dimensões interpessoais, polifônicas.

O livro no meio social, não exerce a forte atração sobre a grande massa da população, pois é muito mais fácil e atraente para a sociedade pós-moderna desfrutar da programação do rádio e da televisão do que descobrir o prazer de uma leitura e ainda, por outro lado, freqüentemente os livros são tratados como se fossem apenas uma diversão. Há também, um outro fato interessante de fácil comprovação: muitos adultos usam os livros para afastar as crianças dos momentos tediosos e com isso acabam não encorajando a participarem do prazer de ler.

No mundo da comunicação, o processo de aquisição do prazer pela leitura vai se aprofundando na medida em que o sujeito é posto em situações atraentes e significativas, desenvolvendo intimidades com diferentes conceitos e gêneros literários e assim, compreendendo, interpretando, escolhendo e se interessando por desvendar novas possibilidades de obter conhecimentos significativos e prazerosos.

Neste processo é necessário que o leitor consciente, crítico e reflexivo vá além da superfície do texto e alcance seu sentido mais profundo. Assim sendo, não basta decodificar os sinais gráficos, mas sim procurar compreender, através de atitudes críticas concordando e/ou discordando do autor.

Não se trata simplesmente de entender o que o autor nos quis dizer, mas sim o que o texto diz, pois o ato de compreender não constitui apenas o ato racional. Ao contrário, está dirigido para o subjetivo, para o estado de inconsciência.

Compreender não é a mesma coisa que descobrir uma lei, descobrir um princípio que regulamenta um acontecimento, ou penetrar um pensamento objetivo e racional, mas quer dizer chegar à síntese característica e peculiar do comportamento dos indivíduos diante dos outros, diante da natureza, diante do tempo, diante do texto. Refere-se à possibilidade de organizar o mundo e as coisas, e constitui o estado básico da existência do ser-do-homem. (SILVA, 1981: 27).

É importante ressaltar que durante a compreensão da leitura, o autor não está presente! Há apenas o leitor e um documento escrito contendo uma mensagem, e é esta expressão registrada que deve ser entendida. Desta forma, torna-se visível àquilo que estava oculto.

A leitura é uma correspondência não só com o livro, mas também com o nosso mundo interior, através do mundo que o livro nos abre.

Um texto tem a capacidade de invocar múltiplos significados ao ser confrontado por diferentes leitores ou por diversas leituras. A acessibilidade do leitor a esse documento exige um trabalho interpretativo no sentido de destacar aspectos apropriados pela compreensão. A interpretação revela-se, portanto, com desvelamento, elaboração e explicitação das possibilidades de resignificação do texto projetadas pela compreensão.

Esse processo de leitura pode ser mais bem explicitado através das palavras de Silva ao defini-la:

(...) é o trabalho do pensamento que consiste em decifrar o sentido oculto do sentido aparente, em desdobrar os níveis de significação (...). (SILVA, 1981: 70).

O leitor crítico-reflexivo será aquele que para cada leitura abre uma possibilidade de co-construir seus conceitos e parâmetros, tornando mais profunda sua compreensão.

Contudo, se a leitura for feita observando somente aspectos mecânicos como fluência, ritmo, velocidade, entonação, timbre de voz, pronúncia, e não for colocada uma ação reflexiva sobre as palavras que compõem a obra, ela não terá valor algum.

A co-construção do que foi lido ocorre na medida em que a reflexão sobre as experiências possibilita alterar o futuro ao modificar o presente por meio da instauração de uma outra perspectiva para suas concepções.

Assim o ato de ler, iniciado quando a pessoa através de sua percepção toma consciência da obra existente e procura compreender o texto em relação ao mundo e a si mesmo, atinge seu momento de fruição.

Na constatação situa-se o horizonte da mensagem; destacando e enumerando possibilidades de significação; na comparação interpreta os significados; na transformação o sujeito responde aos horizontes evidenciados, reelaborando-os em termos de novas possibilidades. (SILVA, 1981: 95).

Ainda com relação ao ato de ler deve-se dizer que a leitura sem compreensão, sem co-construção e sem fruição não chega a alcançar seus objetivos e não causa euforia, surpresa, motivação, ou melhor, prazer!

Acredita-se que, quando seguida essa caminhada, é que o educando tem condições de refletir, de posicionar-se e de aplicar o que leu aos problemas do mundo.

Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura. Texto de fruição: aquele que coloca em situação de perda, aquele que desconforta, faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consistência dos seus gostos, dos seus valores e das suas recordações, faz entrar em crise a sua relação com a linguagem. (BARTHES, s/d: 49)

CAPÍTULO 4

4) A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO ATO DE LER

Este grupo de convivência tem papel fundamental de mediador no desenvolvimento de leitores e do prazer de ler.

Como já foi dito anteriormente, a leitura começa muito antes do momento de começar a ler a palavra escrita. Crianças lêem imagens, ilustrações, lêem nos lábios de quem conta histórias. Esta proximidade das palavras os ajuda a viverem as narrativas e a aproximarem-se do livro, a interiorizarem as histórias!

Segundo Kaloustian (1988), a família é o lugar indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vêm se estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos o valor ético e humanitário, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais.

Familiarizar as crianças, desde muito cedo, com os livros pode ajuda-las a gostar deles, não associados a uma obrigatoriedade, ou à imposição, pode incentivar a leitura por prazer embebida de imaginação e fantasia!

Os objetivos educacionais relacionados à leitura, envolvendo o despertar do interesse pela mesma, e a consequência do desenvolvimento do prazer em ler, não são iniciados com a alfabetização, na primeira série, como talvez pensem muitos pais e professores. Para o alcance desse ideal e para que a criança realmente passe a demonstrar gradativamente interesse pela leitura, é necessário que bem antes da inclusão na escola a criança entre em contato com o mundo dos livros, ouvindo as histórias, vendo as ilustrações, manuseando aquele que lhe transmitirá novos conhecimentos,

permitindo a compreensão da realidade.

Para a prática da leitura como papel preponderante na formação do sujeito, na forma como organiza e estabelece suas relações, faz-se necessário ter presente que toda a realidade social é uma construção humana. A leitura desta realidade requer seu entendimento pela família como um processo em contínuo movimento, ao mesmo tempo uma prática concreta, e também, uma representação social.

Segundo Souza (1998): *“a formação do gosto de ler começa muito cedo, já na família, através das cantigas, do folclore, da literatura infantil oral e do contato com os livros formando atitudes positivas em relação à leitura”*.

No atual contexto social são muitas as circunstâncias que impedem que a criança tenha o prazer de ler desenvolvido, pois muitos são os pais que ao comprarem um brinquedo para seu filho, dificilmente se lembram de acrescentar um livro como importante entretenimento educativo, acabam por entender esta possibilidade como “gasto sem proveito”, visto que as crianças ainda estão descobrindo seu significado e podem rasgá-lo. Além disso, também tem relevância o fato de que alguém terá que ler para elas e muitos são os responsáveis que não sabem ler nem interpretar e outros não querem ou até mesmo não podem “perder tempo” com isso.

Outro ponto bastante significativo é a questão econômica. Muitas vezes os pais não possuem recursos para comprar o essencial para a subsistência, como pensar em desviar tais recursos para o livro? Os governos neoliberais deixaram nosso país mais pobre, mais excludente, mais desigual. É um desafio, do qual depende a possibilidade de se construir culturalmente uma pessoa como ser humano, impossibilitado pelas condições financeiras.

Em um mundo onde há muita miséria, onde as pessoas não conseguem satisfazer suas necessidades de sobrevivência imediatas, que lugar pode ocupar a leitura e o livro? *“Todos os abrigos, todos os refúgios, todos os aposentos tem valores oníricos”* (Bachelard, 1993).

Esta reflexão realça que é necessário que as nossas casas propiciem sonhos, e esses podem vir através de diversas formas de

linguagem, utilizando-se da música, da pintura, do cinema, dos contos, de textos diversos, da disposição dos móveis da casa, das bulas de remédios, das receitas de cozinha, dos rituais religiosos, das conversas das visitas, ou seja, de todas as formas de ler o mundo, de ler ao redor, de uma forma prazerosa e criativa.

A retomada da infância distante, buscando a compreensão do seu ato de ler o mundo, lhe é absolutamente significativa... a velha casa dos pais era o mundo das suas primeiras leituras. (FREIRE, 1999: 12).

Vê-se assim, a importância da construção dessas ambiências na formação do leitor. Daí a necessidade de se pensar alternativas para que as famílias, dentro da realidade em que se apresentam, onde falta tempo e motivação, possam ter consciência deste fato e saibam como lidar com tal necessidade. Pois, esta problemática envolve características políticas, econômicas e culturais.

Nas escolas das crianças de menor poder aquisitivo, por exemplo, a maioria dos pais tem um baixo grau de escolarização e muitas vezes tem uma situação econômica precária e não têm condições de comprar material para incentivar seus filhos à leitura e escrita, ou talvez por desconhecer a importância deste ato para o futuro de seus filhos, já que poucos frequentaram a escola e repassam para eles as mesmas condições que, por sua vez, influenciarão no futuro profissional de seus filhos. Segundo Gallart (1997): "*nossos alunos talvez não tenham muitas oportunidades fora da escola para familiarizar-se com a leitura; talvez não vejam adultos lendo, talvez ninguém lhes leia livros com frequência*".

Não importa a quantidade de livros que uma família tem. O importante é o prazer, a confiança e debate à que se refere, independente da situação financeira. A participação da família na cultura e na história se faz na medida de sua conscientização quanto aos incentivos para fazer de seus filhos bons leitores, levando-os a integrar-se no mundo do livro, motivando-os à leitura e desenvolvendo-lhes a criticidade diante de jornais, revistas, livros e/ou bíblia.

A falta de tempo, o corre-corre do cotidiano, a necessidade da sobrevivência são, em geral, argumentos utilizado pelos pais na justificativa de não fazerem das suas casa ambientes de leitura. A construção de ambiente requer acolhimento, afeto, disponibilidade, compromisso, carinho... Não basta ter o ambiente. É muito mais que isso!

Ainda com relação ao engajamento da família no ato de ler, tem-se a acrescentar que, há algum tempo atrás, as crianças adormeciam ouvindo estórias contadas pelas mães, avós ou babás. Hoje, entretanto, adormecem diante de um indiferente aparelho de televisão.

As conseqüências advindas de tal situação não são difíceis de serem imaginadas. Muitas crianças chegam à escola sem terem vivenciado experiências significativas com o material impresso e, portanto, ainda não desfrutaram das sensações, dos sentimentos, das emoções e dos fatos da vida vistos através da imaginação.

Provavelmente, a tarefa do ensino da leitura não seria tão árdua se este prazer fosse iniciado no núcleo da educação informal, que ocorre principalmente na convivência das relações familiares, nas relações de caráter social.

Uma vez que o livro for convertido em objeto familiar da geração atual, estará dando um grande passo na formação do leitor e crítico de amanhã, consciente de sua força no processo de transformação social.

Se a leitura é um aprendizado social da mesma natureza que o aprendizado da comunicação oral, então ela realizar-se-á, através das práticas familiares e sociais! Assim, a escola poderá cumprir plenamente, e mais facilmente, o papel fundamental de ensinar a ler desenvolvendo o prazer pela leitura e contribuir para a redução das desigualdades sócio-culturais.

○ O bom leitor não se faz por acaso. Quase sempre é formado na infância antes mesmo de saber ler, através do contato com a leitura infantil de experiências positivas no início da alfabetização. (CARVALHO, 1995: 11).

Percebe-se que a leitura não é, ou não deveria ser, exclusivamente do período escolar, uma vez que é uma prática de vida,

experimentada com maior ou menor intensidade do nascimento até a morte. E, se experimentada com prazer, se tornará numa forma de evidenciar, sentir e interpretar o mundo.

A família e a escola são duas instituições de peso para propor e desenvolver o incentivo à leitura. A leitura deve ser proposta de forma plena e efetiva no ensino, lendo até mesmo o que não está escrito, pescando as entrelinhas, eis uma habilidade sábia que deve ser incentivada e praticada na escola, a partir das séries iniciais. Pois o desenvolvimento de interesses e do prazer de ler é um processo constante que começa no lar, aperfeiçoa-se na escola e continua pela vida afora através das influências do meio cultural onde vivemos.

CAPÍTULO 5

5) LEITURA E ESCOLARIZAÇÃO

Refletir sobre a leitura requer uma discussão abrangente sobre o homem enquanto sujeito que lê o seu mundo, ser em transformação, em busca de soluções, e ao mesmo tempo transformador da realidade. Assim sendo, a leitura permanece no centro das preocupações tanto da escola quanto dos pais e professores.

A escola não é um organismo independente, nem tão pouco é uma instituição apenas social, mas claramente está a serviço de uma sociedade. E toda a prática por ela adotada reflete ideologias. Portanto, percebe-se através do modo pelo qual a escola entende e trabalha a leitura reflexos dos valores sociais adotados, com o objetivo de vincular ideologias à interesses de classes.

A escola pode ajudar a transformar o ser que se educa em um novo agente, o novo consultor de experiências, um elo fundamental nessa imensa cadeia de humanidade que atravessa os séculos.

Para que a ação educativa cumpra sua tarefa no desenvolvimento do prazer pela leitura, pensa-se ser necessário a reformulação do conceito de leitura. Que seja banida a idéia da leitura como decodificação de signos, reprodução mecânica, e se amadureça a idéia de leitura como um instrumento de reflexão, experiência, transformação, recriação de significados e conciliação entre ela e a descoberta, a surpresa a alegria, pois a leitura só é cansativa quando se traduz a escrita para compreendê-la.

(...) na vivência, há mera reação aos choques da vida cotidiana, a ação se esgota no momento de sua realização (por isso é finita); na experiência, o que é vivido é pensado, narrado, a ação é contada a um outro, compartilhada, se tornando infinita. Esse caráter histórico, de ir além do tempo vivido e de ser coletivo, constitui a experiência. Mas o que significa entender a leitura e a escrita como experiência? (...) Quando penso na leitura como experiência (...) refiro-me a momentos em que fazemos comentários sobre livros ou revistas que lemos, trocando, negando, elogiando ou

criticando, contando mesmo. (...) O que faz da leitura uma experiência é entrar nessa corrente onde a leitura é compartilhada. (...) Defendo a leitura da literatura e de textos que têm dimensões artísticas, não por erudição, mas porque são textos capazes de inquietar (...) (KRAMER, 2000:28-29).

É a polivalência dos textos que favorecem a polivalência da competência, é preciso ultrapassar os escritos para comunicar e se exprimir, dando-lhes o direito de serem incitadores de sonhos, alimentos do imaginário. A criança tem prazer em se comunicar com o adulto pela interpretação compartilhada do livro olhado. É preciso dar espaço a criança para que ela possa demonstrar, através de interpretações feitas, a emoção e a diversidade dos sentidos.

O ensino escolar é uma prática social decidida e estabelecida pela sociedade moderna a fim de formal e institucionalmente, transmitir a cultura às novas gerações. (SILVA, 1983: 57).

Embora tão criticada, a rede escolar ainda permanece sendo o principal local onde se ensina a ler e escrever, constituindo-se numa das poucas instituições que, de alguma forma, promovem a leitura.

As condições necessárias ao desenvolvimento do prazer pela leitura incluem oportunidades para ler de todas as formas possíveis variados gêneros de leitura. Para tanto, a formação da própria biblioteca, a biblioteca de sala de aula e a da escola, bibliotecas públicas (da comunidade, da igreja, da firma etc.), são essenciais por abrirem aos alunos condições de adquirirem informações através do mundo da palavra, e assim, construírem seus circuitos de leitura, onde haverá recomendações, descobertas, discussões e cooperação entre eles, tudo isso em um clima de entusiasmo e prazer, por propiciar o contato com a leitura de uma maneira livre e significativa.

(...) que livros estamos lendo hoje? Provavelmente aquele de que me falou um amigo, que já o leu ou aquele de que lemos uma resenha, etc. Isto é, lemos os livros de que tivemos notícia, dependendo de quem foi nosso informante. Parece-me que os livros fazem, fora da escola, um circuito

que passa por relações de vários tipos que mantemos com diferentes pessoas. Nenhum não-profissional da linguagem lê um romance, por exemplo, por obrigação. Creio que a saída prática do professor de Língua Portuguesa é criar esse mesmo circuito entre seus alunos, deixando-os ler livremente, por indicação dos colegas, pela curiosidade, pela capa, pelo título, etc. No microcosmo da sala de aula é possível criar esse mesmo circuito, e talvez não sejamos nós, professores, os melhores informantes para nossos alunos. (GERALDI, 2003:98-99).

Entretanto, devido a diversas circunstâncias, a escola fracassa em sua responsabilidade de formar leitores críticos permanentes, ou seja, fracassa em desenvolver esse gosto, esse prazer pela leitura. Isso acontece, porque geralmente a escola mecaniza o ensino da leitura, não abre espaço para que os alunos possam entender a essência do ato de ler, obrigando-os a ler em troca de notas, pré-estabelecendo interpretações e, ainda, levando aos alunos fragmentos de textos, portanto descontextualizados para que a partir deles os alunos façam atividades de leitura. Ora, como aguçar o prazer em ler em partes de um todo muito mais interessante – é a pedagogização da leitura, que acaba por desmotivar os alunos a entrarem no fantástico mundo da literatura.

Segundo o julgamento de muitos professores, o aluno uma vez alfabetizado, tem condições de penetrar no “mundo das letras”. Todavia, é importante ressaltar que alfabetização, visto como decodificação de símbolos, não é suficiente para garantir a evolução da leitura numa sociedade!

Se na vida escolar é o professor que está diretamente em contato com o aluno, cabe a ele dar testemunho de amor aos livros. Compete a ele estar consciente da importância da leitura para o cidadão. É necessário que o professor incentive a leitura em sala de aula, propicie o desenvolvimento de atividades significativas de leitura constantemente, e principalmente, seja ele mesmo um leitor!

Os alunos não lêem, mas será que o professor lê? Parece-nos que, pelas suas próprias condições de vida (salário, tempo, regime de trabalho, família e etc.), o professor, em termos de atualização através da leitura, vem sendo

extremamente afetado e prejudicado. Daí, talvez a facilidade com que determinadas editoras fazem comércio direto dentro das escolas, burlando livrarias e bibliotecas e transformando seleção de obras em mero fator de "marketing" bem trabalhado. (SILVA, 1995:62).

Dentro de uma perspectiva progressista, isto é, que busca a formação de um cidadão crítico e participativo, agindo e interagindo com seu meio, conseqüentemente a sala de aula proporcionará meios para que o aluno demonstre sua maneira de pensar e expor seu raciocínio, contribuindo para a formação de leitores críticos-reflexivos.

A valorização da leitura pelo professor é fundamental para que as crianças possam adquirir o prazer pela leitura, percebendo que através das histórias lidas elas podem evidenciar aventuras maravilhosas, conhecer lugares e modos de vida distintos, desvendar horizontes, e entre infinitas possibilidades, estarem em constante processo de co-construção de conhecimentos, descobrindo o prazer e a fruição no ato de ler.

Estando consciente dos erros que a escola tem cometido em relação à leitura, cabe a ela repensar sua prática político-pedagógica, pois tal problemática é uma questão política-social.

Os professores necessitam conhecer a realidade social da criança para ajudá-la no aprendizado da leitura. Para isso, é preciso testar as mais variadas metodologias, e rever constantemente seu referencial teórico, buscando sempre adapta-lo à necessidade do momento.

Supõe-se que se o ato de ler fosse entendido pelo aluno em toda a sua complexidade, ele não deixaria de ler tão logo fosse liberto das obrigações que a escola o impõe. É fundamental que os professores e a escola deixem o aluno/leitor escolher suas leituras, cada um tem suas preferências, suas motivações, não se pode e nem se deve impor determinados tipos de leitura para todos, assim, só estarão contribuindo para uma futura aversão à leitura.

A questão do interesse tem a ver com o ambiente sócio-cultural e com as emoções do sujeito que aprende; é preciso que a língua escrita parta do seu mundo de forma desejável. Assim, a tarefa do ensino da leitura não seria tão difícil para o professor e o aluno não a sentiria como uma

imposição, mas como uma forma de lazer e crescimento pessoal.

Ler é mais que reconhecimento de palavras. Ler é forma de linguagem, processo de pensamento, de compreensão, que envolve simultaneamente, inúmeras habilidades e atitudes, desenvolvidas, de maneira gradual e contínua.

Muitas pessoas de pouca leitura fixaram a idéia de que a leitura só pode ser realizada tendo em mãos e diante dos olhos um livro, revista, jornal ou qualquer outro escrito. Contudo, pode-se realizar uma ótima, agradável e proveitosa leitura sem muitos livros. Para tanto basta ter olhos e ouvidos atentos. Por isso, até os “analfabetos” conseguem ler e folhear a grande e maravilhosa enciclopédia da vida.

Toda pessoa nasce apta para leitura, quer seja ela pobre ou rica, deficiente ou não, pois lê não consiste apenas em decifrar sinais gráficos, em decodificar letras, mas sim saber chegar ao outro pela linguagem do olhar, dos gestos, do toque, da audição, da imaginação. É preciso explorar todas as potencialidades humanas, de pensar e sentir o outro aprendendo a ser sábios, pois a falta da sabedoria conduz à destruição do ser humano!

CONCLUSÃO

Com a realização desse trabalho pôde-se constatar que a consciência de cidadania se forma, no diálogo, na crítica, na leitura, não de qualquer livro imposto, mas de um livro adaptado aos gostos e necessidades de cada um.

A escolha é um ato de liberdade, tanto pode retratar situações próximas do leitor que lhe permitam a projeção pessoal, como envolver a fantasia, a aventura, que lhe propiciam reelaborar o real.

O despertar do interesse pela leitura passa obrigatoriamente pelos primeiros anos e pela escolarização. As crianças que não puderem se beneficiar deste estímulo estarão em desvantagem em relação às demais que, pelo meio familiar e escolar descobriram a leitura. Assim, os adultos têm um papel decisivo na iniciação que poderá se transformar em prazer ou desprazer quase que definitivo, dependendo da interação com o meio e da mediação com o os adultos.

A "crise da leitura" tem sido um dos focos das angústias dos pedagogos. Ao se questionarem sobre o modo como escolas superam o fascínio e o exercício pelos meios audiovisuais, os pedagogos voltam-se mais uma vez para os aspectos circunstanciais do problema, em vez de averiguarem as suas causas.

Ao tentar superar a chamada "crise da leitura", a escola reflete sua própria crise, e sua viabilidade como meio de difusão da cultura, um meio de transformação, e sua própria possibilidade de preencher espaços sociais, criando um nível de consciência e formando os críticos da realidade capazes de propiciar uma nova sociedade alterando suas relações com a cultura e com o todo social.

A intenção de atribuir à educação papel libertador, concedendo aos indivíduos a prerrogativa de ser sujeito de sua própria ação educativa supõe uma alteração muito mais profunda do que a simples modificação de rotina de trabalho, dos currículos, da utilização de técnicas socializantes ou de recursos audiovisuais. Supõe-se o envolvimento de outras instâncias

sociais e a própria utilização dos meios de difusão cultural, para que tenham como meta a formação dos novos modos de pensar. Isso requer uma modificação global e a formulação de uma verdadeira política cultural em extensão e profundidade.

Assim, o encaminhamento de uma solução para a "crise da leitura" supõe a alteração do próprio objetivo do trabalho a se realizar, que deixa de ser simplesmente "transmitir" cultura, mas o de "fazer" cultura.

É preciso que a leitura se apresente como impulsionador de novas perspectivas. É viável ao professor criar outras metodologias e descobrir novos caminhos para a prática da leitura da realidade escolar.

O gosto pela leitura só poderá existir se o ato de ler for ao encontro das verdadeiras motivações dos leitores. É importante lembrar que a ausência de motivação para leitura, alegada por muitos professores, está ligada à falta de reconhecimento, pelos leitores, de que o ato de ler, não lhes trarão maiores recompensas na sociedade em que vivem.

Para democratizar a leitura é indispensável não somente motivar o leitor, mas, sobretudo levar o livro e todos os bens culturais ao leitor. Certamente uma ação eficaz para leitura nunca dissociada dos movimentos que situem o cidadão como leitor do mundo e, produzirá a médio e longo prazo resultados duradouros. Converter o livro e os demais instrumentos de documentação cultural em objetos familiares às gerações atuais, impulsionando-as para o seu uso livre e prazeroso, significa um ponto de partida fecundo para gerar os leitores e críticos de amanhã.

A tarefa de criar novos leitores, expandir o prazer pela leitura, democratizar a cultura é antes de tudo a tarefa de construir cidadãos críticos, conscientes da sua força coletiva no processo de transformação social.

Em um mundo letrado, ler é a possibilidade de autonomia e cidadania. É consensual que a leitura tem papel fundamental no contexto político, social e econômico das sociedades, já que é capaz por si só, de provocar a reflexão, a integração e o crescimento intelectual das pessoas, tornando-as mais conscientes do mundo que as cerca.

Finalmente conclui-se ser possível transformar as condições da leitura através de metodologias diversificadas, muito embora não esteja este

estudo esgotado, nem sequer devamos entender esta proposta com prática inquestionável. Entretanto, abre-se caminhos para discussões, reformulações e encaminhamentos para uma nova metodologia de leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Maria Yvone Atalício. **Iniciação a leitura**. Belo Horizonte: Virgínia Ltda, 1972.
- BAQUERO, Ricardo. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1987.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Martins Fontes, s/d.
- CABRAL, Márcia, CAPELLO, Claudia, COELHO, Lígia Martha e FERNANDEZ, Marcela Afonso. **Literatura na formação do leitor**. Rio de Janeiro: CEDERJ, 2005.
- CAPELLO, Claudia, COELHO, Lígia Martha. **Língua Portuguesa na Educação 1**. Rio de Janeiro: CEDERJ, 2003.
- CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **A leitura infantil: visão histórica e crítica**. 3 ed. São Paulo: Global, 1989.
- CARVALHO, Marlene. **Guia prático do alfabetizador**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1995.
- COLOMBO, Olírio Plínio. O homem com ser histórico. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, nº 203, novembro 1992.
- CORACINI, Maria José Rodrigues Faria (org). **O jogo discursivo na sala de aula de leitura: língua materna e língua estrangeira**. Campinas-SP: Pontes, 1995.
- CORAZZA, Sandra Mara. **Tema gerador: Concepção e práticas**. São Paulo: Inijui, 1992.
- FERRAZ, Cláudia Ribeiro; SOUZA, Hamilton de. A escola não está preparada para a mágica da leitura. **Nova Escola**, São Paulo, v. 3, nº. 25, p. 26-29, out. 1998.
- FOUCAMBER, Jean. **A leitura em questão**. Trad. Bruno Charles Magno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 38 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Conscientização: teoria e prática de libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa.** (coleção Leitura) 13 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido.** Buenos Aires: Siglo XXI, 1974.

GALLART, Isabel Soli Y. Prazer de ler. **Jornal do alfabetizador**, Porto Alegre: PUCRS. V. 8, nº. 45, p. 3, out. 1997.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino.** Campinas-SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

_____. **Portos de Passagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **Prática da Leitura na Escola.** São Paulo: Ática, 2003.

KALOUSTIAN, S.M. (org.) **Família Brasileira, a Base de Tudo.** São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 1988.

KLEIMAN, Ângela. **Significados do Letramento.** São Paulo: Mercado de Letras, 1995.

KRAMER, Sônia. **Infância, Cultura e Educação.** In: PAIVA, Aparecida et al. No fim do século: a diversidade – o jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MENEGOLLA, Maximiliano. Ler a natureza. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, nº. 177 outubro 1993.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo.** São Paulo: EPU, 1986.

MOLL, Luis C. **Vygotsky e a educação, implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura.** São Paulo: Cortez; Campinas-SP: UNICAMP, 1988.

OSAKABE, M. (Org.) **Leituras no Brasil.** São Paulo: Mercado das Letras, 1995.

PESTANA, Inácio M. **Didática da linguagem portuguesa.** Coimbra-PT: Atlântida, 1973.

PINTO, Gerusa Rodrigues; LIMA, Regina Célia Villaça. O dia-a-dia do professor. **Água**. 3 ed. Belo Horizonte: FAPI Industria Gráfica Ltda, v.1, 1999.

_____. O dia-a-dia do professor. **Ecologia**. 3 ed. Belo Horizonte: FAPI Industria Gráfica Ltda, v.16. p. 67, 1999.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.

SILVA, Ezequiel T. da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1981.

_____. **Abaixo as infantilidades no encaminhamento da leitura**. In: Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico. Petrópolis: Vozes, 1983.

_____. **Leitura ou Lei-dura?** In: ABREU, Márcia (Org.). Leituras no Brasil: antologia comemorativa pelo 10º Cole. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da GENTILI, Pablo (org). **Escola SA: quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo**. 2ª ed. Brasília: CNTE, 1999.

SOARES, Magda. **Letramento – Um tema em três gêneros**. MG: Autêntica, 1998.

SOUZA, R. F. **Ciência e Moral na Escola Primária: um projeto a favor da ordem na construção da reação brasileira**. Araraquara: FCL/UNESP, 1998.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.



UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A) : Renata Reis Pereira

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : _____

ORIENTADOR : Antônia Lincame

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador :

Professor convidado:

Maria Helena

Nota : 10,0

Considerações:

Já ouvi de colegas pesquisadores que o tipo de trabalho realizado pela aluna Renata é apenas um fichamento de alguns autores, não merecendo portanto a nota máxima. Sou de opinião que é mais proveitosa uma pesquisa bibliográfica que faça análises de conteúdos.

tos para a autora e para a área de conhecimento
em questão de que uma pesquisa de campo superficial
em que a relação teórico-prática não resulte num trabalho bem
elaborado, com as idéias encadeadas e
propondo-se a fazer aquilo que está enunciado
na introdução. Assim está o trabalho de Renata;
bem escrito, segue as normas e apresenta um conteú-
do de muita relevância para os profissionais e
para a área de educac. Destaco o capítulo 4 que
foi escrito com muito sensibilidade e pertinência.
Parabéns!

Segundo avaliador :

Professor orientador : Tunica

Nota: 9,0

Considerações:

O trabalho monográfico de Renata
Rios Tunica segue os requisitos de
um trabalho de iniciação científica.
Seu tema é relevante e deve
incutir outros estudos.

Por isso consigo a nota 9,0 esperando
que prestigie em sua investigação

Terceiro avaliador :

Professor da disciplina Monografia II: _____

Ligia Martha

Nota : 10,0

Considerações:

A obra apresenta, de modo geral, uma boa estrutura e conteúdo.

RESULTADO FINAL

| Avaliador 1 | Avaliador 2 | Avaliador 3 | Pontos | Nota final |
|-------------|-------------|-------------|--------|------------|
| 10,0 | 9,8 | 10,0 | 29,8 | 9,7 |

Rio de Janeiro, agosto / 2006

L. Martha